

Descontinuidade de investimentos afeta projetos de pesquisa

por Isabel Versiani
de Brasília

O reitor da Universidade de Brasília (UnB), João Cláudio Todorov, é um dos pesquisadores do País que têm sido prejudicados pela descontinuidade dos investimentos feitos no setor. Em 1991, ele entrou com um pedido de financiamento junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para executar um projeto num dos laboratórios de Psicologia da universidade, onde dá aulas.

Todorov conseguiu as bolsas necessárias para pagar seus auxiliares mas o auxílio-pesquisa, que cobriria os gastos com os equipamentos, havia sido suspenso naquele ano por falta de verbas e não saiu. "Tive que me virar com os equipamentos que nós já tínhamos, que eram bem mais antigos", contou. O resultado foi que a pesquisa, que poderia ter sido concluída em três anos, vai acabar levando seis.

Como Todorov, centenas de pesquisadores brasileiros têm tido problemas com a inconstância da liberação e a falta generalizada de verbas para financiar seus trabalhos. Para o decano de Pesquisa e Pós-Graduação da UnB, Lauro Morhy, a descontinuidade de investimentos, não só do CNPq, mas de uma maneira geral é "catastrófica".

"Todos os anos temos que sair de pires na mão para garantir o funcionamento de nossos laboratórios e projetos", afirmou o decano. Segundo ele, a consequência dessa instabilidade é que muitos pesquisadores têm desistido de trabalhar em suas áreas no País, preferindo ser transferidos para instituições estrangeiras ou mesmo largando as universidades por empregos na iniciativa privada.

O quadro geral da pesquisa nas universidades não é mesmo animador. Segundo a secretária de Ensino Superior do MEC, Vanessa Guimarães Pinto, apenas um terço do total de 851 instituições de nível superior do País fazem pesquisa. Aqueles que o fazem são principalmente as federais, estaduais de São Paulo e algumas confessionais.

O Brasil tem três grandes instituições públicas de financiamento de pesquisa: o CNPq, a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a Finep

(Financiadora de Estudos e Projetos). Juntas, elas garantirão, este ano, um investimento médio de cerca de R\$ 1,5 bilhão em pesquisas e bolsas. O investimento total feito em ciência e tecnologia no País representou, no ano passado, apenas cerca de 0,7% do Produto Interno Bruto (PIB). O objetivo do governo é elevar estes volumes para 1,5% do PIB até 1999 de acordo com a programação do Plano Plurianual de Investimentos (PPA).

O presidente da Finep, Lourival Mônico, concorda que a não uniformidade do fluxo de recursos é um dos grandes empecilhos para o desenvolvimento da pesquisa. Hoje, cerca de 20% do total de R\$ 500 milhões que são investidos pela Finep por ano vêm do Tesouro Nacional e são gastos, a fundo perdido, em

projetos de pesquisa nas universidades e instituições de ensino. Essas verbas, que já não são muito significativas, sistematicamente sofrem atrasos, prejudicando trabalhos que estão em andamento, admite ele.

Para minimizar o problema, a Finep tem dado ênfase aos financiamentos concedidos a projetos da iniciativa privada, que têm retorno e garantem a remuneração da instituição. Em 1995, foram emprestados cerca de R\$ 400 milhões a projetos de desenvolvimento e pesquisa de empresas.

O CNPq investirá, neste ano, cerca de R\$ 485 milhões no pagamento de bolsas. No mesmo período, o presidente da instituição, José Tundisi, informa que estarão sendo gastos R\$ 156 milhões no financiamento de congressos, passagens de pesquisadores e apoio a pesquisas de pós-doutorado. Segundo ele, até 1998, o CNPq quer que a divisão das verbas repassadas entre bolsas e pesquisa direta chegue a 50% e 50%, respectivamente.

A CAPES não concede financiamentos diretamente para pesquisa, mas apenas para bolsas. No ano passado, segundo o presidente do órgão, Abílio Alves, a instituição investiu um total de R\$ 380 milhões em bolsas de estudo dentro e fora do Brasil. Este ano, estão previstos no orçamento R\$ 333 milhões, mas já se sabe que será necessário uma suplementação de cerca de R\$ 160 milhões. ■



Lourival Mônico